

Diálogo com as diferenças:

respeitar
e conhecer
faz parte do
aprender!

(Leis 10.639/03 e 11.645/08)

SECRETARIA DE ESTADO
DA EDUCAÇÃO, DO ESPORTE
E DA CULTURA



SERGIPE
GOVERNO DO ESTADO



Fonte: FREEPIK, 2021 (adaptado).



SERGIPE
GOVERNO DO ESTADO

Belivaldo Chagas Silva
GOVERNADOR DO ESTADO DE SERGIPE

Eliane Aquino Custódio
VICE-GOVERNADORA DO ESTADO DE SERGIPE

Josué Modesto dos Passos Subrinho
SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

José Ricardo de Santana
SUPERINTENDENTE EXECUTIVO DE EDUCAÇÃO

Rosilene Maria Santos
CHEFE DE GABINETE - SEDUC

Ana Lúcia Lima da Rocha Muricy Souza
DIRETORA DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - DED

Jociela Barboza Morais
ASSESSORA PEDAGÓGICA DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

Acácia Maria Feitosa Daniel
CHEFE DO SERVIÇO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO E DIVERSIDADE - SECAD

ORGANIZADORAS:

Jeane Caldas Hora
Maria Paula de Melo Santos Alves - Xokó

EQUIPE TÉCNICA DO SECAD:

Flávia Cristina Santos
Geneluz Cruz Santana
Jeane Caldas Hora
Juliana Souto Santos
Maria das Dores Santana Oliveira
Maria de Fátima Santana Prata
Maria Paula de Melo Santos Alves - Xokó
Wendel Salvador Santos

COLABORADORES:

Ivanilson Martins dos Santos - Xokó
José Mário Dos Santos Resende

DIAGRAMAÇÃO

Paula Vitória de Souza Bezerra

REVISÃO GRAMATICAL E TEXTUAL

Adilson Oliveira Almeida

Apresentação

QUERIDOS(A) PROFESSORES(A):

Vivemos em um país múltiplo e rico em diversidade, cultura e manifestações diversas que destacam nossas diferenças. “Somos de todas as cores”, somos brancos, negros, indígenas e amarelos. São exatamente essas diferenças que nos enriquecem e, conseqüentemente, fortalecem culturalmente nossa nação, por meio das linguagens, costumes, credences, cantos, danças, brincadeiras populares, culinária, indumentárias e festejos típicos.

Mesmo assim, infelizmente percebe-se em nossa sociedade uma supervalorização de uma ou outra cultura, raça ou cor em detrimento das demais. Isso tem refletido nas nossas escolas, reforçando muitas vezes atitudes racistas e discriminatórias em nossos alunos(as), e tais atitudes interferem, negativamente, nos seus processos de desenvolvimento intelectual e emocional, podendo levar essas crianças e jovens a entrarem em processos de baixa estima, estado de depressão, mutilação, afastamento do ambiente escolar, bem como fazendo cair o rendimento da aprendizagem.

Nesse contexto, propomos com esta cartilha uma reflexão sobre a educação para as relações étnico-raciais, como também sobre as leis **10.639/03** e **11.645/08**, que nos apresentam caminhos para a construção de uma educação em prol da diversidade étnico-racial que respeite e valorize as diferenças. A cartilha aborda essas temáticas de forma lúdica, tentando contribuir com a práxis pedagógica dos(as) professores(as), em suas salas de aula.

Assim, o enredo da história tem como cenário um colégio público estadual que inicia o ano letivo com uma reunião pedagógica, envolvendo gestores e professores. Vamos conhecer uma equipe que representa muito bem a diversidade: **Yara** (coordenadora pedagógica-branca), **Sophia** (professora-indígena), **Dandara** (professora-negra) e **Akin** (professor-negro). Eles ajudam-nos a entender as leis 10.639/03 e 11.645/08 e como podemos, a partir delas, contribuir para que nossos(as) alunos(as) sintam-se acolhidos e respeitados em suas diferenças.

VAMOS LÁ?

Akin



Sophia



Yara



Dandara





É início do ano letivo no Colégio Estadual Tereza de Benguela, no Povoado Mandacaru. O Colégio Benguela parece um riacho farto de peixes miúdos e grãos nadando de um lado para outro. Lá, são ofertados os ensinos fundamental e médio.

A coordenadora, Yara, dá boas-vindas aos professores na primeira reunião pedagógica.

— Bom dia, coordenadora Yara! — responderam todos.

— Hoje é o primeiro dia do nosso planejamento. Tenho muitas surpresas para vocês. A primeira é que gostaria de apresentar a professora Dandara. Agora ela faz parte do nosso quadro de professores.

— Seja bem-vinda ao nosso colégio, professora Dandara! Exclamaram os colegas de trabalho como se fossem a orquestra do município de Água Doce.

— Qual é a próxima surpresa, coordenadora? — perguntou o professor Akin.

— Trouxe um vídeo para começarmos o planejamento anual e alguns brindes.

Enquanto Yara apontava para um pacote arrumado sobre a mesa, Sophia exclamou:

— Adoro brindes, principalmente de livros!

— Tenho certeza de que vocês gostarão dos livros. Vejam os títulos!

Yara soletra os títulos devagar fazendo biquinho de peixe fora d'água: ***Quando me descobri negra***, de Bianca Santana; ***Meninas Negras***, de Madu Costa; ***Princesas Negras***, de Edileuza Penha e Ariane Celestino; ***Que cor é a minha cor?***, de Martha Rodrigues; ***História de Sergipe contada em versos***, de Chiquinho do Além Mar; ***Um defeito de cor***, de Ana Maria Gonçalves; ***Preparem os Agogôs***, de Gizelda de Moraes; ***Povo Xokó - História de Luta e Resistência*** e ***Os Xokó e o Rio São Francisco***, ambos escritos com a colaboração dos professores, alunos e a Comunidade Xokó.



— Nossa! Gostaria de ler toodos! A alegria de Dandara ecoou pela sala parecendo um forró pé de serra.

— Não se preocupe. Podemos ler e trocar os livros depois. — comentou Akin.

Sophia, sempre entusiasmada e irradiando luz como os fogos de procissão, logo apresentou uma proposta:

— Sugiro que organizemos rodas de leitura uma vez por mês a partir dessas obras.

— Perfeito! Poderemos inserir as rodas de leitura nas reuniões pedagógicas. Isso é formação continuada, essencial para o nosso trabalho. Hoje vamos iniciar nossa reunião com um vídeo bem curtinho baseado em um livro infantil. Vamos lá, professores?

— Adoro reuniões dinâmicas, especialmente quando são abertas com animações. Falando em animação, o cineasta sergipano Marcelo Roque disponibilizou no YouTube o curta ***As Aventuras de Seu Euclides Parafusos***.

Sophia acrescentou a informação. Dandara, por sua vez, quis saber mais sobre a temática:

— O tema Parafusos do curta está relacionado ao *Folguedo Parafusos*, da cidade de Lagarto?

— Isso mesmo! O grupo é composto exclusivamente por homens representando os negros escravizados e explica como eles faziam para fugirem dos donos. Contam que no tempo da escravidão, os escravos fugitivos saíam à noite para roubar as anáguas das sinhazinhas deixadas no quaradouro. É muito interessante. Vale a pena assistir.

— Obrigada pelas informações, Sophia! Vou complementar sua fala com a exibição do nosso vídeo. Vamos assistir a ele agora?

Todos concordam. Enquanto Yara exhibe o vídeo que apresenta a leitura do livro: ***Que cor é a minha cor?*** de Martha Rodrigues, a secretária da escola



providencia pipoca e suco. Enfim, depois de degustarem a pipoca e assistirem ao curta, Yara pergunta:

— E aí, gostaram do vídeo?

— Nossa! Adorei! Ele trabalha aspectos dos povos negros de forma simples e lúdica. Eu, minha família e meus ancestrais estamos todos representados. É tão difícil encontrarmos histórias que trazem protagonistas negros.

— Concordo com você, Dandara. Exibirei para os meus alunos o mais rápido possível. Onde encontro esse livro, Yara?

Ao perguntar onde podia encontrar o livro, os olhos de Sophia pareciam lenha crepitando na fogueira de tanta animação.

Imediatamente a coordenadora exhibe o link no slide.



Que cor é a minha cor?

<https://www.youtube.com/watch?v=MxeFFyF5bp4>



— Posso fazer uma proposta, coordenadora?

— Pois não, professor Akin. Fique à vontade. O espaço é para isso mesmo. Boas ideias são sempre bem-vindas.

O professor Akin ajeita os óculos no rosto e, depois, faz algumas observações:

— Tudo que estamos discutindo aqui, inclusive o vídeo que foi exibido, está articulado à lei nº 10.639/2003.

— Que lei é essa? Do que se trata?

— Professora Dandara, a lei 10. 639 foi sancionada em 2003 e institui o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana em todas as escolas públicas e particulares, do ensino fundamental ao médio.

— Ah, então eu desenvolvo um trabalho pedagógico baseado nessa lei há muito tempo. Organizamos uma Feira de História e Cultura Afro.



— E por sinal, foi um grande sucesso, professora Sophia. Parabéns pelo seu trabalho!

— Obrigada, Yara! Mas o sucesso é nosso. A Feira de História e Cultura Afro partiu de um planejamento coletivo interno e envolveu toda a comunidade local, mostrando para todos a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira.

A coordenadora Yara confirma a resposta de Sophia, acenando com a cabeça várias vezes. Em seguida, acrescenta outras observações:

— O mais interessante na nossa reunião é que iríamos discutir as leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que respaldam o trabalho das temáticas étnico-raciais, e estudar estratégias para suas aplicabilidades em sala de aula. No entanto, percebemos que já introduzimos essas pautas em nossas práticas pedagógicas. Só precisamos identificar essas práticas e intensificá-las.

Dandara arregalou os olhos como se quisesse perguntar: “Outra lei?”, “São duas?”.

— Sim, são duas. A 10.639/2003 e a 11.645/2008. Elas alteraram a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, para incluir a obrigatoriedade das temáticas História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, respectivamente. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais, essas leis são instrumentos de orientação para o combate à discriminação, como também são leis afirmativas, no sentido de que reconhecem a escola como lugar da formação de cidadãos e afirmam a relevância de promover no ambiente escolar a necessária valorização das matrizes culturais que fizeram do Brasil um país rico, múltiplo e plural. Por isso, precisamos dedicar atenção à incorporação da diversidade étnico-racial da sociedade brasileira nas nossas práticas escolares.

— Ótimo! Sinto-me representada! Sou indígena da comunidade Xokó, localizada na Ilha de São Pedro, em Porto da Folha, única aldeia reconhecida do estado de Sergipe. Lá, mantemos preservada a nossa cultura, por meio dos rituais sagrados como o Ouricuri, local onde se pratica a religiosidade; da dança do Toré – dança que faz parte dos nossos rituais; e da confecção de ornamentos, como



colar, brincos, saias, cocar e maracá, usados nas festas e rituais. Assim, nossas raízes são preservadas, fortalecendo a cada dia nossa cultura e identidade.

O professor Akin, maravilhado com a fala da professora Sophia, tomou a palavra e não cansou de fazer elogios:

— Que riqueza de diversidade, Sophia! Quero conhecer a aldeia Xokó!

Sem perder a oportunidade, já que estava com a fala, ele continua:

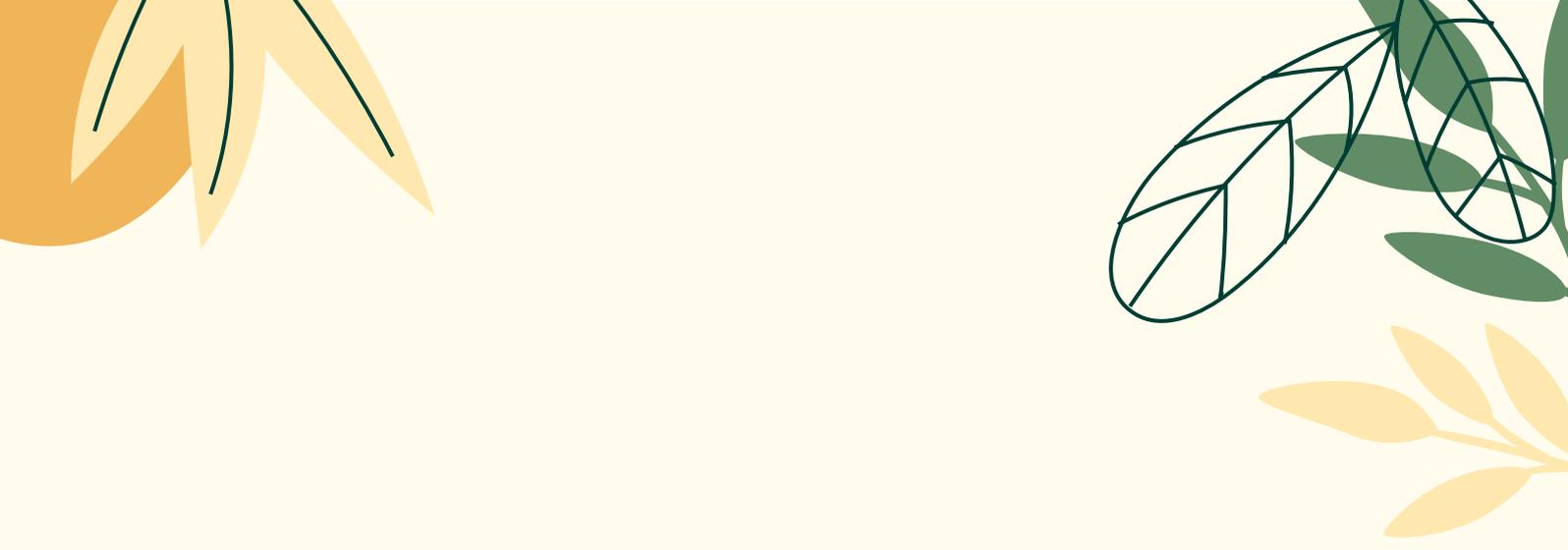
— Mas, voltando a minha proposta, sugiro que pudéssemos planejar coletivamente a exibição do curta **Que cor é a minha cor?** como também outras ações relacionadas à temática étnico-racial, para trabalharmos com nossos alunos durante todo o ano letivo. O que acham?

— Concordo. Sugiro que, além da exibição de vídeos, nossa escola desenvolva projetos, palestras e atividades culturais que contemplem as questões étnicas, e incluí-los permanentemente em nossos planos de aula. Na nossa comunidade escolar, temos indígenas, quilombolas, filhos de agricultores e pescadores. Enfim, temos uma diversidade enorme de etnias e culturas.

— Só para complementar a sua fala, professora Sophia. Não podemos esquecer dos povos ciganos. Parece que os ciganos são invisíveis. Eles têm uma cultura totalmente diferenciada. Conheci um pouco mais ao ler o livro **Ciganos no Brasil**, de Rodrigo Teixeira.

— Muito bem lembrado, professor Akin. Se a escola não preservar as culturas e tradições dos povos tradicionais, com o tempo elas desaparecerão. Esta é a função social da escola. Pensando nisso, e para nortear nossos planejamentos, trouxe para vocês cópias das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (DCNERER), como também do Currículo de Sergipe, que trabalha com competências e habilidades. Disse a coordenadora, enquanto distribuía as cópias.

— Conheço as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Estas diretrizes surgiram para orientar o cumprimento da legislação e apresentam três princípios que devem estar presentes no ensino: *consciência política e histórica da diversidade; fortalecimento da identidade e*



de direitos e ações educativas de combate ao racismo e às discriminações. Podemos inserir esses princípios no nosso Projeto Político Pedagógico?

— Com certeza, professor Akin! Iremos inseri-los. Depois é só articularmos aos nossos planos de aula: o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, como também o ensino da História e Cultura indígena e a Educação das Relações Étnico-Raciais. — concluiu Yara.

A professora Sophia levantou a mão. Após o consentimento da coordenadora, ela acrescentou:

— Na última formação continuada promovida pelo Serviço de Educação do Campo e Diversidade – SECAD, aprendi que o ensino da História Afro-Brasileira deverá abranger a história da África: civilizações, organização política, reinos, religiosidade, economia, as contribuições do Egito para a ciência e filosofia ocidentais, articulados com a história dos afrodescendentes no Brasil.

— Participei dessa formação. Lembro-me de que falaram sobre a importância de colocarmos no nosso calendário escolar algumas datas significativas, como o 21 de março, **Dia Internacional de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial**; o 13 de maio, **Dia Nacional de Luta contra o Racismo**, e o 20 de novembro, **Dia Nacional da Consciência Negra**.

— Boa lembrança, professor Akin. Vamos incluir no nosso calendário. Como também, incluiremos o dia 07 de fevereiro, **Dia Nacional da Luta dos Povos Indígenas**; o 19 de abril, **Dia do Índio**; o 09 de agosto, **Dia Internacional dos Povos Indígenas**, e o 09 de setembro, **dia em que o Povo Xokó comemora sua liberdade, independência e vitória, na festa da Retomada**.

Dandara levantou o dedo indicador de forma tão suave, que mais parecia o rabo de um gato balançando pra lá e pra cá. Todos entenderam que ela queria fazer uma pergunta e fizeram silêncio:

— Pessoal, tenho uma dúvida...Vocês estão citando várias sugestões de como trabalhar a temática das relações étnico-raciais, mas percebo que vocês atuam no ensino fundamental dos anos finais e no ensino médio. Coordenadora Yara, devo trabalhar essa temática com minha turma dos anos iniciais do ensino fundamental?



— Com certeza. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais preconizam que essa temática deve ser trabalhada em todas as escolas públicas e privadas, em todos os seus níveis e modalidades de ensino.

— Professora Dandara, você poderá introduzir, em suas aulas, temas da cultura africana, afro-brasileira e indígena, por meio de lendas, contos, cantigas, jogos e brincadeiras. — sugeriu Akin.

Sophia também quis contribuir com outras sugestões:

— Você pode trabalhar os conhecimentos medicinais dos povos indígenas e africanos a partir das medicinas alternativas utilizadas pelos familiares dos alunos. Outra ideia é usar a capoeira e práticas corporais da cultura negra e indígena nas aulas. Por exemplo: pesquisar o significado da dança do Toré para os indígenas.

— Obrigada! Já comecei a imaginar várias atividades.

Yara passeia pela sala de forma descontraída, parecendo ensaiar a dança do Toré, e comenta:

— Todas essas temáticas devem estar presentes nas nossas aulas. Isto contribuirá para que os alunos se sintam incluídos, sem serem obrigados a negar a si mesmos ou ao grupo étnico-racial a que pertencem.

— Que legal, Yara! Bem mais que pensar conteúdos, é fundamental proporcionar aos nossos alunos oportunidades para que repensem e compreendam as relações sociais e étnico-raciais de que participam, contribuindo para a eliminação de qualquer forma de discriminação ou racismo.

— Exatamente, Sophia. Os desafios da qualidade na educação só serão superados se a escola for um ambiente acolhedor, que reconheça e valorize as diferenças e não as transforme em fatores de desigualdade. Garantir o direito de aprender implica fazer da escola um lugar em que todos se sintam valorizados e reconhecidos como sujeitos de direito em sua singularidade e identidade. Por



isso, precisamos desenvolver ações diariamente que reafirmem a importância do combate ao preconceito, ao racismo e à discriminação. — complementou Yara.

Dandara mais uma vez levanta o indicador e fala emocionada:

— Nossa! Sou muito grata por trabalhar com vocês! Quanta coisa importante aprendi, nesta reunião, sobre as culturas afro-brasileira e indígena. Confesso que estava meio receosa de começar a ensinar, pois sou inexperiente. Acabei de ingressar na rede estadual de ensino, por meio de concurso público. Eu estava extremamente apreensiva. Achava que iria trabalhar sozinha.

— Aqui somos uma equipe. Estudamos, planejamos, colocamos nossas ações em prática e enfrentamos os problemas juntos. Aproveito para agradecer a presença de todos nesta reunião. E qualquer dúvida, professores, contem conosco!!! Ah, já ia esquecendo... Vamos aos brindes?

Todos respondem de uma só vez, imitando o ensaio de uma quadrilha junina:

— Vaaamos!!!



Para mais informações, acessar o drive:

https://drive.google.com/drive/folders/1ZjW_9FGnEytHYAWS5rT8NYN_cqrt4RxU?usp=sharing



Quem são as organizadoras?



*Maria
Paula de
Melo Santos
Alves*

Mestranda em Ensino de Ciências e Matemática-PPGECIMA-UFS, especialista em Educação e Gestão, pela Faculdade Pio Décimo e em Psicopedagogia Institucional pela Faculdade Atlântico, licenciada em Pedagogia -Universidade Vale do Acaraú - UVA. É professora da rede estadual de Sergipe, exercendo suas funções na Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura-SEDUC/ atuando no SECAD - Serviço de Educação do Campo e Diversidade, como técnica da pasta Educação para as Relações Étnico-Raciais. Atuou como professora na rede municipal de Porto da Folha, onde assumiu também a função de coordenadora pedagógica em 15 escolas da rede. É indígena da etnia Xokó e lecionou no Colégio Indígena Estadual Dom José Brandão de Castro, nos anos 2004 a 2006. Atuou como técnica pedagógica no Colégio Estadual Pedro Alves de Souza, de 2009 a 2019. Representou o estado de Sergipe no Programa Missão Pedagógica no Parlamento - CEFOR/Câmara dos Deputados Brasília, em 2013.

Mestranda em Comunicação Audiovisual e Multimídia - Funiber, licenciada em Letras-FFPP. Atua como mediadora de leitura, desenvolvendo projetos, na Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da e Cultura - Seduc, onde idealizou e coordena o Projeto Lê Campo. Faz parte da Academia de Letras de Aracaju - ALA e da Academia Sergipana de Contadores de Histórias-Asch. É escritora de literatura infantojuvenil e tem quatro obras publicadas: Zé Peixe, o menino do mar; A Menina dos Livros; A Maravilhosa História de Tia Ruth, Mozart: o gênio que não era da lâmpada e Sete Catarinas. A obra A Menina dos Livros foi adotada pela Rede Municipal de Educação de São Paulo, em 2011, e pela Rede Estadual de Educação de São Paulo, em 2014. Em 2016, participou do Circuito SESC Literatura Pé de Página, representando a literatura de Sergipe em quatro estados brasileiros.



*Jeane
Caldas Hora*



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Eliene Amorim de(org.). **Povo Xokó: História de Luta e Resistência**. Curitiba: Adescrym Gráfica, 2012.

ALMEIDA, Eliene Amorim de(org.). **Os Xokó e o Rio São Francisco**. Curitiba: Adescrym Gráfica, 2012.

ANDRADE, Juliana Alves de; ALVES DA SILVA, Tarcísio Augusto. **O ensino da temática indígena: subsídios didáticos para o estudo das sociodiversidades indígenas**. Prefácio Edson Silva. – Recife: Edições Rascunhos, 2017. 242p. Disponível em: <https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/2534831/mod_resource/content/1/O%20ensino%20da%20tem%C3%A1tica%20ind%C3%ADgena.pdf>. Acesso em: 21 de maio de 2020.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais**, 2004. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/lista-de-publicacoes>>. Acesso em: 19 de outubro de 2020.

BRASIL. **Estatuto dos Povos Indígenas**, disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L6001.htm>. Acesso em 04 de agosto de 2020.

BRASIL. **LEI 10.639/03**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm>. Acesso em: 03 de agosto de 2020.

BRASIL. **LEI 11.645/08**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm>. Acesso em: 03 de agosto de 2020.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional de 1996**. – 2. ed. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2018. 58 p.

BRASIL. **Diretrizes Operacionais para a Implementação da História e das Culturas dos Povos Indígenas na Educação Básica, em decorrência da Lei nº 11.645/2008**. Parecer CNE/CEB nº14/2015 aprovado em 11 de novembro de 2015. Disponível em: <https://www.google.com/search?client=firefox-b-d&q=parecer+cne%2Fceb+n%C2%BA14%2F2015+aprovado+em+11+de+novembro+de+2015>. Acesso em 04 de agosto de 2020.

BRASIL. **Estatuto da Igualdade Racial**. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2010.

BRASIL. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Ministério da Educação/Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: SECAD, 2006.

COSTA, Madu; FILHO, Rubem. **Meninas Negras**. 2ª edição. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

DANTAS, Beatriz G; DALLARI, Dalmo. **Terra dos Índios Xocó: estudos e documentos**. São Paulo: Comissão Pró-Índio. 1980. Disponível em: <<http://www.etnolinguistica.org/biblio:dantas-dallari-1980-terra>>. Acesso em: 21 de maio de 2020.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. 5ª edição. Rio de Janeiro/São Paulo:Record, 2009.

MASCARENHAS, Maria da Conceição Santos Góes(coord.). **As Relações Étnico-Raciais: História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica de Sergipe**. SEED; DED; NEDIC – Aracaju-SE: 2010.

MEIRELES, Ariane Celestino; SOUZA, Edileuza Penha de. **Princesas Negras**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

MORIAS, Gizelda de. **Preparem os Agogôs**. 1ª edição. Recife: Bagaço, 1996.

OLIVEIRA, João Pacheco de; FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. **A Presença Indígena na Formação do Brasil**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me004372.pdf>>. Acesso em: 09 de novembro de 2019.

RODRIGUES, Martha. **Que cor é a minha cor**. Belo Horizonte. Mazza Edições, 2006

SANTANA, Bianca. **Quando me descobri negra**. 1ª edição. São Paulo: SESI-SP, 2015.

SANTOS, Francisco Passos (Chiquinho do Além Mar). **História de Sergipe Contada em Versos**. 1ª edição. Aracaju: Sem editora, 2016.

SILVA FILHO, Eduardo Gomes da; FERNANDES, Fernando Roque; ALMEIDA, Júlia Maria Corrêa. (Org.). **Ensino de história indígena e educação intercultural: experiências decoloniais em perspectiva**. Casa Leiria. São Leopoldo/RS, 2020. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1tFOeredK-K5lggnT8J4C0evBVOAqoQeL/view>>. Acesso em: 21 de maio de 2020.

SILVEIRA, Adailson de J.; SOUZA, Ana Lúcia L. R. M.(coords.). **Currículo de Sergipe: educação infantil e ensino fundamental – linguagens, ciências humanas, ciências da natureza, matemática e ensino religioso**. Aracaju: MEC, SEDUC, UNDIME, 2018.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. **Ciganos no Brasil. Uma Breve História**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Crisálida, 2009.

VÍDEOS

ABAYOMI – parte 1 contação de história. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=840YHprHHI8>>. Acesso em 14 de julho de 2020.

ABAYOMI – significados e como fazer. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=swDkz62nUG4> >. Acesso em 14 de julho de 2020. Construindo a boneca Abayomi. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=YqIWXqleqSI> >. Acesso em 14 de julho de 2020.

As aventuras de Seu Euclides Parafusos. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=PpIzZL4xaSQ> >. Acesso em 14 de julho de 2020.

Coloridos. Videoclipe animado da Palavra Cantada. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=x8VNNyobJRo>>. Acesso em 20 de novembro de 2020.

Índios Xokó – Vídeo documentário. Produção SEDUC/NEDIC. Disponível em: < <https://www.facebook.com/IvanilsonMartins1990/videos/3048952211848730/>>. Acesso em 14 de julho de 2020.

Que cor é a minha cor? (Martha Rodrigues). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=MxeFFyF5bp4>>. Acesso em 14 de julho de 2020.

NOSSA HISTÓRIA VIVA. Guerras do Brasil.Doc episódio1. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=VeMISgnVDZ4>>. Acesso em: 21 de maio de 2020.

Terra do Povo Xokó. UNIT, realizado em 2008. Disponível em: < <https://www.facebook.com/watch/?v=723312191503685>>. Acesso em 14 de julho de 2020.

Terra Serigy Xokó. Programa Terra Serigy especial sobre o povo Xokó, exibido pela TV Sergipe em 05/10/2013. Disponível em: < <https://www.facebook.com/watch/?v=769677416801965>>. Acesso em 14 julho de 2020.

TV ALESE, Assembleia Legislativa de Sergipe. Entrevista com Beatriz Gois Dantas. Exibição em 18-04-19. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=NoXD7uNChX4&feature=youtu.be>>. Acesso em: 21 de maio de 2020.

SECRETARIA DE ESTADO
DA EDUCAÇÃO, DO ESPORTE
E DA CULTURA



SERGIPE
GOVERNO DO ESTADO